

TEATRO DE DYONISES, RJ, 2019:
TERAPIA REALIZADA COM O MÉDICO-ATOR PSIQUIATRA
TRANSCULTURAL VITOR PORDEUS

Theater De Dyonises, RJ, 2019:
Therapy Carried Out With The Transcultural Psychiatraist-Actor Doctor Vitor Pordeus

Fabiane Helene Valmore¹

Narrativa encaminhada: 01/07/2021
Narrativa aceita para publicação: 28/11/2021

Cada Ritual do Teatro de DyoNises é diferente. Ainda que com o mesmo tambor, com o mesmo afeto, com as mesmas cantigas e no mesmo lugar. As lembranças evocadas, os *insights* e despertares de toda ordem e profundidade que chegam até mim, que me atravessam, às vezes, como um compressor - até mesmo as fugas de pensamento, que busco o tempo todo evitar para me fazer presente, tudo isso me afeta, se soma a cada encontro e eu vou ficando lentamente diferente. Ou melhor, pensando diferente.

Há que se ter paciência. É um processo doloroso, mas de aprendizagem. O corpo ainda não se dobrou de todo - o meu corpo, melhor dizendo. E como é difícil escrever *meu corpo*. Senti-lo, colocá-lo em exposição, emprestando a ele personagens que pedem vida. No teatro, na praça, no palco, na rua, na praia, por meio de nós. Como de repente, por meio do corpo, de um corpo desajeitado, dar vida, emprestar vida, com-par-ti-lhar vida, (re)inventar vida tantas mil, quando mal se percebe ter um? Quando ele está acostumado a testemunhar e não, a atuar? Ele, meu corpo, permanece fortemente engessado, enquadrado, dentro de uma cultura moralista que ajudou a conformá-lo dentro de parcos limites de desenvoltura. Engessado por uma sociedade que forma para o trabalho alienante, que educa para as mediocridades do cotidiano, que “vigia e pune”, que o encerra, enfim, dentro de um discurso médico-científico – como uma extensão

¹ Me chamo Fabiane Helene Valmore. Helene começou a dar às caras em 2020. Talvez, mais adiante na minha travessia, eu seja mais Helene que Fabiane. Fabiane é mãe e filha. Nesse meio resisto. É também, algo mais: inclusive, tecnóloga mecânica - que me fez professora e, cientista social que olha o mundo desse lugar. Estudante de Ciências Sociais, UFPR*

*Professora orientadora: Maria Tarcisa Bega e Coorientador: Tiago Rickli
Email: fh.valmore@gmail.com

do pensamento, como uma máquina. Tal como um “*bocado de cacos clonados, globalizados padrões de ser*”. Muito dolorido exigir dele e de pronto, que se misture aos já dançantes, como se já estivesse pronto para isso. Ou, ainda que desacostumado a se deixar ver, pedir a ele que dance ao redor do caldeirão junto às bruxas de Macbeth e ajude a exorcizar os demônios internos que nos consome. **Desconcertante tudo isso?**

Claro que sim. O mal-estar (subjetivo) salta aos olhos e trava a respiração. Às vezes, nos leva, nos obriga a escapar disso tudo. Quantas vezes precisei me buscar de um voo dado em pleno ritual? Enquanto voava, não estavam ali meus pensamentos. Já tinham saído, fazia tempo, em busca eterna de entendimento do que acontece lá do lado de fora de mim mesma, da minha existência no mundo. Somente o corpo permanecia ali.

Claro, funcionando, no entanto, de forma totalmente instrumentalizada, rotinizada e nada criativa – como uma coisa. E bem separadinha do pensamento, conforme um dia assumiu Descartes que assim é a relação entre corpo e pensamento/espírito e nos explicou Le Breton, sobre a dualidade entre corpo e pessoa, sobre o fato de que “o corpo é associado a ter um corpo e não a ser um corpo”. Querendo, é possível fugir de vez disso tudo. **Mas resolve?**

Corpo e Mente se entreolham mutuamente desconfiados para ver quem decide. Refletir ou Agir? Eis a questão! Como tornar público e coletivo um corpo que se fez privado e íntimo? “*Mexe, mexe, mexe, vocês que podem mexer*”, canta Vitor Pordeus e, em coro, com ele, todos os “*melhores atores do mundo*”. Impossível não sentir o confronto interno entre a falta de trejeitos engenhosos com o corpo ainda não brincante, a mente acelerada querendo a tudo controlar, compreender e justificar e a certeza dos dias futuros em que o mexer-se não será uma questão de opção - quando as pernas já entregues, não aguentarem mais o corpo que carregou, por exemplo. “*Espírito da terra, Espírito da água, Espírito do fogo, Espírito do ar, mexe, mexe, mexe, vocês que podem mexer*”, de forma nada equivocada e com ouvidos mais atentos a essa canção, somos convidados a pensar, sentir, reconhecer e mais que tudo, a dissolver no caldeirão, em cena, as profundas angustias existenciais, as pulsões que nos implodem exigindo satisfação, as inseguranças, incertezas, impasses e hesitações que nos afogam num mar de dúvidas constantes – que nos imobiliza –, a ansiedade desmedida que nos encerra num beco de saída e nos exige

decidir entre vida e morte, as frustrações que nos faz desabar num abismo sem fim, as carências de todo tipo, os medos, os sentimentos de abandono, vergonha, humilhação e repugnância que nos deprecia, culpa e pune, os (des)amores e tantos outros dissabores dilacerantes – verdadeiros colapsos internos - até que não haja mais cor, nem conteúdo, nem forma disso tudo na sombra, sem elaboração, sem ressignificação, sem cura. Apenas poesia.

Utopia?

Tão difícil é assumir interna e publicamente uma disposição para isso. Aceitar a exposição de si-própria, como que despojada de mascaras, de braços dados com a humildade e a gratidão num tempo-espaço imerso de afeto – onde quem já se curou é convidado a curar o próximo no Teatro DyoNises. Torturante, desafiador. Conseguir, demanda renascer depois de um luto feito de si próprio?

Decerto, exige a queda do Ego. Um verdadeiro “*ser ou não ser, eis a questão!*”. Afinal, espera-se de nós, numa “sociedade do espetáculo”, que falemos de dor, de perdas, de fracassos, de não-quereres, ou que exaltemos os alcances materiais e simbólicos e convivamos com o fato de que também os relacionamentos, mesmo os amorosos, se tornaram mercadorias e, o amor, liquidado? “*O que te sustenta mais, o sopro em cores do universo? os bens materiais? Que faz de ti e tuas crenças? De ti e tuas artes? De tua ciência? Com quanto amor se faz? Quanto amor se faz? Quanto de amor te faz?*”. A despeito de tudo, essa canção, no entanto, eu a canto alegre porque sei que há muito é o “*sopro em cores do universo*”, no limite, o que me sustenta e move. **Difícil é suportar as consequências de nossas (des)escolhas quando elas nos colocam numa corda bamba:** “*Será mais nobre sofrer na alma pedradas e flechadas do destino feroz ou pegar em armas contra o mar de angústias – e combatendo-o, dar-lhe fim?*”.

Entrelaçada nesse confronto todo, como que numa tentativa de dar cabo dele, ao invés de permanecer adoecida e assim isenta de tomar decisões, me soa como um chamado à vida, cantar ao som do tambor, “*Entre em cena, antes que a cortina feche!*”.

Isso tudo ecoa na minha cabeça entre um ritual e outro e me faz mergulhar num mar de angustia, cujas ondas me levam de uma cantiga a outra e me faz debater entre os trechos das encenações de Hamlet e Macbeth, a partir dos quais, sombras minhas ganham luz, mas, ainda não, entendimento suficiente.

Por que de súbito me cobri com um véu negro e de improviso me fiz fantasma do Hamlet numa das noites, no Teatro Clínica Therezinha Moraes?

Nos rituais de cura, de passagem, muitos sentimentos, emoções, corpos e olhares se entrecruzam com os meus e me encorajam, me dão esperanças, mas também, medo e desassossego. É tudo tão difícil. Tem que se ter muita coragem para fazer do estranho (alheio e do nosso) o familiar. Coragem tem que se ter, é fato. Mas quem a busca com esse propósito, quem insiste pelo alcance dela, será por que de algum modo já percebeu, mesmo antes de o saber por si próprio ou de ter lido em Freud, que **“O Estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar”**?

Tem que se ter muita vontade, força e persistência para conseguir *tomar* um rumo na vida no lugar de *tomar* um comprimido buscando apatizar tudo o que pulsa e exige satisfação. Ou isso é uma tolice?

Muita escuta afetuosa e qualificada se faz imprescindível. Tem que se estar de mãos dadas para dar conta da travessia - das ruínas, penhascos, abismos, correntezas, turbilhões e redemoinhos de emoções, delicadezas e dor. Como aceitar que viver querendo *pegar manga no pé de abacate* é uma insensatez?

Como se não bastasse tudo isso, como cantar sem desabar penhasco abaixo até que se possa compreender que *“A vida é leve, a vida é pesada, o fardo que carrega é você quem faz, é você quem traz...”*? Até que se possa ter condições de procurar, reconhecer e de se desvencilhar dos ilusórios, fantasiosos e inconscientes fardos acumulados, máscaras, fantasmas - sombras?

Até que se consiga percorrer o processo de individuação e fabricar o colorido lugar capaz de acolher toda a nossa singularidade, toda a nossa realidade psíquica? “Um lugar *pro* singular”.

Tenho pensado sobre isso a partir de Canguilhem e, com ele, tentado suportar e compreender os limites e alcances diante do *“sentimento de vida contrariada”* que ora me vejo embalada no meio de tantas balas – perdidas, asseguradas e mesmo desembaladas. **“A vida só se eleva à consciência e à ciência de si mesma pela inadaptação, pelo fracasso e pela dor”**, afirma Canguilhem em *O Normal e o Patológico*.

Produto de um “processo civilizador”? Das neuroses que daí advêm? Cadê os corpos livres fora da loucura, das manifestações artísticas e religiosas idiossincráticas? Fora das relações afetivas mutuamente compreendidas e respeitadas. “*Haverá paraíso sem perder o juízo ou sem morrer?*”, já perguntaram os Tribalistas em uma de suas canções. É preciso dialetizar, poetizar, amar, humanizar. É preciso de ar, muito ar, de *ars*, para respirar. Evoé!

“*Cuidar de mim é cuidar do outro, cuidar do outro é cuidar de mim*”. Um outro mundo se faz necessário e urgente. Possível? Aí já é uma outra utopia bem mais complicada.

Nas cirandas, de mãos dadas, me sinto segura. Por quê? porque nelas tenho base e não estou solta a cargo de mim mesma. Sou um elo na corrente. E isso não é de todo ruim e nem tudo está perdido, afinal, resta em mim interesse de cantar com ânimo e esperança especiais, ainda que titubeando: “*Quem deu esse nó, não soube dar. Esse nó tá dado, eu desato já (...)*”. **O que eu preciso desatar?** Amarras sociais e morais? Sim. Um Outro, do qual eu dependo para caminhar tal como a um alicerce e sobre o qual quando perguntada “*Qual a distância que você precisa ter do outro para ser feliz?*”, eu respondo em silêncio e perplexa: nenhuma!? Como que percebendo que algo não está bem. Como que me dando conta de que a esse Outro está presa a minha existência, tanto quanto, livre de mim, a minha angústia? Sim, outra vez. Como que numa tentativa de me defender desse sentimento, dessa constatação, desse mal-estar, fujo por um instante e me rendo junto com Caetano e Jorge Mautner: “*Não, não é minha culpa. Essa minha obsessão (... Psicótico, neurótico, todo errado. Só porque eu quero alguém que fique Vinte e quatro horas do meu lado No meu coração, eternamente colado*”. Um pouco mais adiante, quando me dou conta, já retornei e me vejo cantando em uma só voz com o grupo todo. “*Me ensina que eu te ensino o caminho, no caminho. Com tuas pernas, minhas pernas andam mais*”. Nesse momento, a unidade do grupo já é uma realidade aos meus olhos e eu já não me sinto tão fora da curva. Sim, “**teatro é espaço e relação**” e de ombros abraçados, podemos cantar e repetir: “*Somos um círculo, dentro de um círculo. Sem início e sem fim*”. Nessa hora quem é de transe, já entrou. Daí, cantar “*Não perde a oportunidade do amor, criatura. Não perde a oportunidade do amor, criatura. Em nossa cidade no virar de uma esquina, é mais fácil cair no crime, que no amor... mas o amor um dia vem, para o ouvido atento, a pele*

sensível, o pulso acelerado. Não perde a oportunidade do amor, criatura. Não perde a oportunidade do amor, criatura... cria a tua criatura, criatura cria tua. Não perde a oportunidade do amor, criatura”, me soa como o ápice daquilo a que deveríamos todos nós nos preocuparmos em não perder.

Nesse momento, me sinto parte de um todo que vai me aparecendo, pouco a pouco e permeado de “coincidências significativas”, ritual após ritual, crise após crise, ali e acolá, juntamente com uma certeza crescente de que, sim, de que vou acabar conseguindo ver tudo o que precisa ser visto e passado em revista... um tipo de certeza parecida com aquela oferecida pela neblina em dias de inverno... sim, ela passa e dá lugar à luz do sol em cada amanhecer por mais frio, escuro e onde quer que seja e estejamos. Tais quais as memórias traumáticas quando ganham luz.

“Saia pra rua, venha se divertir, como teatro que é festejo e os brincantes estão passando aí”. E não é que ora um, ora outro, homens, mulheres, crianças e idosos, transeuntes desconhecidos, com e sem teto, aceita o nosso convite conforme vamos em cortejo caminhando e cantando da Biblioteca Parque Estadual em direção ao Campo de Santana?! *“Chegue mais perto ator, atriz. Companheiro, companheira dia-a-dia. Venha logo homem, deixa de bobagem. A arte é nossa linguagem de tecer cidadania.* Uns olham, outros olham e cantam. Uns poucos, de tanto que olham, se juntam à roda ensaiando um cantarolar. Arte Pública chamando o povo para ganhar saúde mental. Nessa hora, uma das minhas cantigas preferidas do ritual, me põe de corpo e alma, no aqui e agora e eu canto em festa *“Bocado de molambos molhados manchando o chão. Bocado de molambos molhados manchando o chão. **Mas o que tinha dentro era gente ainda, era gente ainda. Mas o que tinha dentro era gente ainda, era gente [linda]**”.* Linda, aqui, eu canto por conta própria e risco.

Oh muito obrigado... oh muito obrigado! Evoé!

*Em vermelho, estão trechos das cantigas cantadas nos rituais do Teatro de Dyonises.

** Esse relato é parte integrante de uma autoetnografia que está sendo realizada por mim no curso de Ciências Sociais, da UFPR, com o seguinte título: ***“Arte e (Lou)cura: o transitar pelos caminhos da arte como forma de desconstrução da loucura e fabricação do artista”.***